

**ANTÓNIO A. ARANTES**

**HORAS FURTADAS**  
**ENSAIO SOBRE CONSUMO**  
**E ENTRETENIMENTO**

nº 42  
Janeiro 1995

**Oficina do CES**  
Centro de Estudos Sociais  
Coimbra

# HORAS FURTADAS

Ensaio sobre Consumo e Entretenimento

Antonio A. Arantes  
Departamento de Antropologia  
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, procuro refletir sobre a articulação entre o consumo de bens produzidos pela indústria cultural e a construção social do chamado "tempo livre", a partir dos resultados de um survey realizado em 1989 na cidade de São Paulo.<sup>1</sup> Exploro a idéia de que os bens e serviços produzidos pela indústria cultural podem ser entendidos como recursos com que se constroem relações sociais e estilos de vida. Esse ponto de partida reforça a exortação feita por Douglas e Isherwood (1978, p.62) que, recuperando um pressuposto clássico da antropologia, propõem: "Try the idea that commodities are good for thinking; treat them as nonverbal medium for the human creative faculty." Integrado em práticas (dinâmicas e mutáveis) com que se constituem e se transformam fronteiras simbólicas entre indivíduos, grupos e categorias sociais, o consumo (sobretudo dos chamados "bens culturais", aqueles produzidos pela indústria cultural) é um dos principais mediadores na formação das sociabilidades e estilos de vida contemporâneos.

---

<sup>1</sup> A pesquisa de campo e o processamento de dados utilizado neste trabalho foram realizados em setembro de 1989 por equipe técnica do IDESP-Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo. O questionário foi elaborado pelo Grupo de Trabalho sobre Políticas Culturais do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (de que faço parte) com o objetivo de criar uma base de dados comum para estudos comparativos sobre o consumo de bens culturais em São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Lima, México e outras cidades Latino-americanas.

O modo como tais bens participam dos processos culturais é uma das questões centrais da teoria social contemporânea, porém o volume e a força persuasiva das ideias e hipóteses em circulação, não correspondem à qualidade da base empírica que se poderia esperar encontrar na maior parte daqueles estudos. Talvez como efeito perverso de uma crença profunda na hipótese da evaporação do referente e estilhaçamento do social, muitos pesquisadores tem deixado de lado as perguntas triviais de como, onde e quando ocorrem esses processos e sobretudo especificamente quem participa deles: a maior parte dos autores tem pressuposto um meio social predominantemente indiferenciado.

Procuro aqui contribuir para a construção de abordagens empíricas de algumas questões contidas nesses debates e, particularmente, sobre como os bens produzidos industrialmente participam dos complexos processos pelos quais se reproduzem (e se transformam) práticas que participam da estruturação do tempo, bem como das relações de gênero e etárias.

Exploro também a idéia de que essas práticas "entretêm", ou seja, que elas participam da construção de um espaço e tempo liminares e é nesse sentido que as entendo como "lazer". Victor Turner explica: "leisure is etymologically derived from the Old French leisir, which itself derives from the Latin licere, "to be permitted," and which, interestingly enough, comes from the Indo-European base \*leik - "to offer for sale, bargain," referring to the "liminal" sphere of the market, with its implications of choice, variation, contact - a sphere that has connections, in archaic and tribal religions, with Trickster deities such as Eshu-Elegba, and Hermes."<sup>2</sup>

Há ainda no domínio explorado por este ensaio, muitas perguntas a serem respondidas. Mas este esforço terá valido a pena se ele estimular um aprofundamento da análise e sugerir um caminho adequado para isso.

---

<sup>2</sup> Cf. V. Turner (1982) p.40.

## 2. CONSUMO E ENTRETENIMENTO: hipóteses para uma antropologia do tempo livre.

Não é surpreendente que diante do franco desenvolvimento por que têm passado os estudos sobre a mulher, grande parte dos trabalhos mais interessantes sobre o "lazer" publicados recentemente<sup>3</sup> tenham uma clara marca feminina. Apesar de terem sido escritos principalmente por pesquisadoras (mulheres) feministas e de focalizarem com especial interesse os "social constraints" e "relative freedoms" experimentados por mulheres nos intervalos dos afazeres cotidianos, alguns desses livros e artigos falam para um público que na verdade é mais amplo do que aquele que as suas autoras talvez pretendessem atingir inicialmente.

Mas, se num patamar básico, no nível zero do problema por assim dizer, grande parte do que se diz a partir da ótica feminina aplica-se também aos homens, essas autoras mostram com clareza que as diferenças entre as experiências masculinas e femininas não são apenas uma questão de grau, ou de intensidade. Refletindo sobre o chamado "tempo livre" a partir de desigualdades nas relações de gênero, elas promoveram um significativo avanço crítico para além da tradição desenvolvida pela sociologia do lazer, que o pensava basicamente como tempo "anti-estrutural" porque de certa forma, liberado de constrangimentos externos. A sua contribuição introduz um elemento de crítica ao conceito de lazer, como antítese da experiência de trabalho remunerado, de homens empregados em tempo integral e com jornada de trabalho regular a cumprir. Desde logo, ponderam essas autoras, não só é altamente significativo nas sociedades industriais o número de homens e

---

<sup>3</sup> As idéias discutidas nesta parte do trabalho provêm de pesquisa bibliográfica realizada em Londres, durante a vigência de uma bolsa do CNPq, de pós-doutoramento no exterior. Resolvi manter o âmbito restrito dessa bibliografia pois entendo que, no geral, os temas se repetem em outros contextos bibliográficos e não chegam a se colocar aí de maneira muito diversa da que encontrei naquele levantamento.

mulheres desempregados (o que implica que a experiência de jornadas completas de trabalho é socialmente restrita), como são muitos os que trabalham por tarefa e os sub-empregados. Segundo elas, em relação a todas essas categorias, é enganoso pensar a partir de uma dicotomia que contraponha rigidamente o tempo das jornadas contínuas e regulares a um outro tempo, pensado também como se fosse um bloco monolítico, claramente distinto e dissociado desse.

Por outro lado, e retomando alguns temas que já estavam presentes em estudos sobre a cultura operária inglesa<sup>4</sup>, elas passaram a enfatizar a importância tanto da variabilidade das práticas profissionais de um modo geral, quanto das diferenças e desigualdades étnicas e de gênero na formação da experiência de trabalho e, particularmente, nas concepções e práticas de tempo e de espaço.

Além disso, elas tornaram predominantes em seus estudos sobre o lazer mecanismos pelos quais as atividades geralmente classificadas como tal se articulariam ao contexto mais amplo da vida cotidiana, na construção das relações e desigualdades de gênero. Nesse contexto, elas têm enfatizado a existência de importantes diferenças entre as práticas masculinas e femininas.

Creio ser útil focalizar mais detalhadamente duas hipóteses formuladas por essas autoras. A primeira é de que as mulheres (mesmo as que trabalham fora, em jornadas integrais e regulares) tendem a conceber o tempo (e a usá-lo) de modo mais flexível, fragmentado e descontínuo do que os homens, em consequência de incluírem tipicamente, num só momento, diversas atividades. Para as mulheres entrevistadas numa pesquisa realizada em Sheffield, (Inglaterra), por exemplo, a noção de lazer parece ligar-se menos à participação em determinadas atividades, do que a um "special state of mind or quality of experience"<sup>5</sup> que pode ocorrer nas mais diversas ocasiões, inclusive eventualmente no

---

<sup>4</sup> Cf. R. Hoggart, 1958; R. Williams, 1962.

<sup>5</sup> idem, p. 5.

contexto do trabalho doméstico.<sup>6</sup>

A outra é de que um conjunto específico de constrangimentos sociais tende a marcar diferentemente a construção do 'tempo livre' feminino, uma vez que também nessa esfera se reproduzem as assim chamadas relações 'patriarcalistas' de dominação. Aqueles estudos mostram que as atividades que compõem esse "outro" tempo de suposto prazer e liberdade não estão a salvo da ideologia e da cultura que contribuem em grande medida para a reprodução das desigualdades sociais que afetam os homens e, duplamente, as mulheres. Para a mulher, participar da esfera do lazer (em especial no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos) significa frequentemente desafiar expectativas de comportamento (e de desempenho) que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade.<sup>7</sup> Além disso, a idéia de "casal feliz"<sup>8</sup> à qual está dirigida a maior parte da oferta de bens e serviços de lazer é uma poderosa construção ideológica que não só tende a impor às mulheres que passem o seu tempo livre em companhia masculina, mas também a restringir o grau e o tipo de uso que elas possam fazer dele sozinhas ou com outras mulheres.<sup>9</sup>

Esses estudos têm ainda um longo caminho a percorrer. Mas a conclusão a que se tem chegado é que, apesar das formas de pressão e controle existentes, as mulheres têm encontrado em

---

<sup>6</sup> Certos autores corroboram apenas parcialmente essa afirmação, na medida em que distinguem, em relação a esse assunto, entre mulheres que trabalham fora e donas de casa, associando essa característica mais a estas últimas. É o que sugere, por exemplo, J.Gershuny (1982, p.158) que referindo-se à metodologia utilizada em sua pesquisa comenta: "Housewives completing our time budget diaries tended to be more conscientious about noting breaks in the working day than working men and women were about noting their meal times and rest breaks."

<sup>7</sup> Cf. E.Wimbush e M.Talbot, 1988.

<sup>8</sup> Essa idéia, tão fortemente presente no argumentos de K.Roberts (1978), é criticada por J.Clarke e C.Critcher (1985). Cf. H.Moorhouse (1989, p.26).

<sup>9</sup> Cf. E.Green e Hebron, 1988.

algumas dessas atividades oportunidades para formação de opinião crítica e até mesmo de participação política. Dessa forma, em lugar de rejeitarem em bloco essas práticas devido a sua "contaminação patriarcalista", a agenda feminista tem procurado contribuir para a superação de alguns processos que tendem a fortalecer a exploração e subordinação da mulher, aceitando o pressuposto de que nas atividades de tempo livre haveria espaço e oportunidade para o desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, a pesquisa tem contribuído para a intenção militante de produzir um conhecimento detalhado e a denúncia de situações em que a dominação masculina é exercida e, ao mesmo tempo, para a construção de um diálogo com os "policy makers", no sentido de sugerir ou justificar mudanças nas práticas vigentes.

A intenção militante dessas autoras, no entanto, acaba exacerbando o foco nas questões de gênero, num esforço que tende a limitar o alcance de sua crítica. A procura de uma instância de redenção da "dominação patriarcalista" por vezes as faz esquecer que "lazer", "trabalho" e "prazer" são construções culturais que também envolvem idade, posição social e experiências distintas de trabalho. Por essa razão, os seus argumentos tornam-se vulneráveis à crítica. De fato, elas deixam de lado, entre outros, dois problemas.

Por um lado, não consideram devidamente as rápidas transformações que tem ocorrido na vida doméstica e cujo estudo estaria a exigir que se buscasse, a contra-pelo da reprodução das estruturas tradicionais, também os sinais de novos tempos. Em relação à questão da percepção diferenciada do tempo entre homens e mulheres, por exemplo, é bem verdade que as alternâncias entre o tempo da produção e o tempo da reprodução, tempo das crianças e tempo dos adultos, tempo das mulheres e tempo dos homens, e tempo da família (freqüentemente com subtextos sexistas) mantêm a sua força, não só em termos estruturais como também enquanto representações que organizam grande parte da oferta de serviços massivos de informação e entretenimento (particularmente por via eletrônica). Esse é sem dúvida um dos poderosos meios pelos quais se organiza (e disciplina) o tempo das pessoas (principalmente em casa) e

reforçam-se distinções identitárias ao redor de noticiários higienizados, intermináveis seriados de ficção e ritualísticos programas e jogos de auditório. Em países como o Brasil, por exemplo, a programação televisiva em particular e a oferta de bens e serviços para o consumo cultural em geral, marcam manhã e tarde, dia e noite, semana e fim-de-semana de homens ou mulheres, adultos ou crianças, ricos ou pobres imaginados de modo grosseiro e estereotipado.

Mas se é verdade que, por força de cumprirem múltiplas jornadas, as mulheres tendem a possuir concepções de tempo menos rígidas do que os homens, há indícios de que, na atualidade, a percepção do tempo está rapidamente 'feminizando-se' para todos, homens e mulheres, ou seja, tornando-se menos polarizado (trabalho na rua/lazer em casa), mais flexível e admitindo um maior número de atividades simultâneas. Atualmente, grande parte da produção depende de trabalho masculino e feminino (e muitas vezes também infantil) feito em casa, em horas fragmentadas, em articulação com as tarefas domésticas (tanto femininas quanto masculinas) e com o cuidado dos dependentes. E não apenas isso. Também faz parte desse quadro a idéia de que o espaço doméstico tende a abrigar, cada vez mais, atividades economicamente produtivas. Ou seja, trabalho pago e trabalho doméstico parecem articular-se de maneira complexa (e não dicotômica) num tempo e espaço condensados, que D. Harvey<sup>10</sup> descreve como "compressed".

Essas mudanças certamente afetam o modo pelo qual os consumidores em situações concretas apropriam-se dos bens culturais em circulação no mercado. E isso nos leva ao outro tema pouco desenvolvido nessas pesquisas. Refiro-me agora à sugestão de que as atividades de tempo livre sejam pensadas em articulação com práticas de consumo, ou seja, enquanto participantes de uma mediação dinâmica (mutável e modificadora) de relações polissêmicas entre pessoas em posições estruturais definidas. Nessa perspectiva, por analogia aos "atos de

---

<sup>10</sup> D. Harvey, 1989.

apropriação" que constituem o consumo, a ordenação do tempo livre pode ser interpretada como reprodutora ou modificadora do componente moral das relações consideradas, nesse contexto social em transformação. Alguns estudos mostram, por exemplo,<sup>11</sup> que na ordenação do consumo de tecnologia de informação e comunicação no contexto das relações sociais numa família londrina "the possibilities inherent within the technology were constrained by the factors of age, gender, siblingship etc. and were made visible and explicit through the structure of relationships intrinsic to this family".<sup>12</sup>

Pensar o lazer/uso do tempo livre como consumo, ou seja como acesso (social), aquisição (material) e uso (prático e simbólico) diferenciado de recursos no contexto de sistemas de relações sociais e ordem moral é uma perspectiva de trabalho rica, que nos leva de volta, por outras vias e com outras perguntas, às questões de gênero com as quais iniciei esta reflexão, particularmente se este tema for integrado ao contexto mais inclusivo da domesticidade.

Alguns resultados de uma pesquisa interdisciplinar realizada no bairro londrino de Battersea<sup>13</sup> contribuem em parte

---

<sup>11</sup> O estudo de caso realizado por E.Hirsch (no prelo), por exemplo, com uma família de classe média londrina no quadro de uma pesquisa mais ampla sobre consumo de tecnologia de informação e comunicação, ilustra de maneira clara e sintética as principais ênfases desse tipo de abordagem.

<sup>12</sup> Cf. E. Hirsch, op. cit., p. 27. Além disso, aquele estudo mostra como "through the introduction of various ICT objects of consumption the moral tensions [na família] become explicit and visible: what is resisted, then, is not the technology per se but a particular appropriation of it which transgresses the long-term moral environment of the household." (idem, idem, p.31)

<sup>13</sup> Cf. S.Wallman et al. 1982. Faz parte desse projeto um estudo de J. Gershuny sobre a divisão sexual do trabalho doméstico. Os dados comentados nesse estudo mostram que: 1. há uma hierarquia detalhada e de especialização sexual nos domicílios pesquisados. 2. há diferentes graus de especialização em diferentes tipos de domicílios. 3. esposas com empregos em tempo integral assumem novas responsabilidades na 'economia formal' sem perder uma proporção equivalente de seu trabalho doméstico (não-pago), de tal forma que a quantidade total de

para esse esforço. Naquele trabalho, S.Wallman propõe que se definam os grupos domésticos como "sistemas de recursos". O seu argumento<sup>14</sup> é que essas unidades sociais devem ser concebidas "as differently bounded in respect of different resources; and as differing from each other in respect of the resources available to them, the resources they choose to deploy, and the kinds of value they vest or invest in them for particular purposes in local or cultural contexts of various kinds".<sup>15</sup> Para aquela autora, além dos elementos econômicos que compõem "the objective structure of livelihood", também os recursos não-materiais de tempo, informação e identidade devem ser levados em consideração, na medida em que, pertencendo ao nível da organização social mais do que ao da estrutura, são eles que decidem "what is done with or within the objective structure and which limit 'the conditions of possibility'. In so doing they account for [...] who finds the opportunities, who solves the problems, and who takes the best advantage of the options available."<sup>16</sup>

A preocupação dessa autora (e demais participantes daquele projeto) com os diferentes modos pelos quais os recursos

---

trabalho que elas realizam aumenta em relação ao que é feito pelos maridos. 4. aumenta a proporção das responsabilidades domésticas assumidas pelos maridos. 5. o movimento em direção a uma igualdade sexual no tempo total de trabalho doméstico leva a um grau de substancial especialização em tarefas particulares.

<sup>14</sup> S.Wallman, 1986, p.53.

<sup>15</sup> Esta abordagem distancia-se de reflexões como a desenvolvida por E. Durham a propósito da família operária no Brasil, tanto pela não vinculação do conceito de unidade doméstica ao conceito de família (o que é positivo na medida em que abre a reflexão para um universo de investigação mais diversificado e é de certa forma menos normativa), quanto por sugerir que os grupos domésticos londrinos teriam menos força aglutinadora do que os brasileiros de classe trabalhadora e seriam, por implicação, mais fundados numa moralidade individualista. Desse ponto de vista, seria interessante comparar e contrastar os resultados da pesquisa realizada em Londres com os dos estudos sobre família e individualismo em camadas médias que vem sendo desenvolvidos entre nós. (cf. T.Salem, 1985).

<sup>16</sup> Cf. S.Wallman, 1986, p.57.

materiais são utilizados nos domicílios não leva a enfatizar especialmente as diferenças de gênero e idade. Contudo, ao compreender a unidade doméstica como processo de gerenciamento de recursos, ela possibilita, em primeiro lugar, que se apreenda de modo mais abrangente e dinâmico não exclusivamente gênero, mas o conjunto das relações que constituem essa unidade social, e, em segundo lugar, fornecem um dos contextos fundamentais das práticas que articulam o consumo à organização social.<sup>17</sup>

### 3. TEMPO LIVRE EM SÃO PAULO.

Examinemos algumas dessas questões no contexto da cidade de São Paulo, a partir dos dados do survey realizado em 1989,<sup>18</sup> numa amostra que foram entrevistados homens e mulheres com mais de 18 anos de idade.

Os entrevistados podem ser agrupados em termos de condições de emprego, em quatro categorias a saber:

---

<sup>17</sup> Acredito que um levantamento sistemático da bibliografia brasileira sobre consumo ainda esteja por ser feito. As resenhas mais recentes dos estudos sobre mulher e família no Brasil (M. Corrêa, 1984; T. Salem, 1985 e L. Fukui, 1986) sugerem indiretamente que pouco se tem escrito sobre a participação em atividades de lazer e entretenimento no contexto das relações de gênero e da domesticidade. Alguns estudos sobre a recepção de programas televisivos, especialmente novelas (cf. G. Oliven e O. Leal, 1988); outros sobre consumo e emergência de novos estilos de vida em grandes centros urbanos em preparação (particularmente na USP e na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo) ou inéditos fazem referência eventual a essas questões.

<sup>18</sup> Informações mais detalhadas sobre esse levantamento encontram-se em A.A. Arantes Horas Furtadas: dois ensaios sobre consumo e entretenimento. Campinas: Cadernos 27, UNICAMP/IFCH, 1993, trabalho do qual o presente texto é uma versão condensada.

**TABELA I**  
**CONDIÇÃO DE EMPREGO**

Pop. Econ. Ativa Masc.	349	36,0%
Pop. Econ. Ativa Fem.	257	26,4%
Donas de casa	260	26,8%
Outros	103	10,6%
Total da amostra		
	969	99,8 %

1. Os dois primeiros grupos compõem-se de pessoas que têm atividades regulares e constantes a cumprir, com número relativamente fixo de horas ocupadas.

2. O terceiro é formado por mulheres que se apresentaram como "donas de casa" e cujas atividades principais (domésticas) em princípio não excluem, tanto quanto no primeiro caso, o acesso físico aos meios de comunicação e aos equipamentos eletrônicos instalados no domicílio durante a realização do trabalho, além de talvez permitirem maior flexibilidade na utilização do tempo.

3. E o quarto grupo inclui os pensionistas, aposentados e desempregados, que deixo de lado nestes comentários que se referem apenas os entrevistados que declararam estar engajados em atividade constante e regular, remunerada ou não. Estes casos (866 entrevistas) constituem aproximadamente 90% da amostra.

Consideremos inicialmente a questão da estratificação da amostra. Conforme argumentei anteriormente, reflexões como as de Wallman (1982 e 1984) e Durham (1980), embora relativas a contextos sociais e culturais diversos, mostram com razoável clareza que o investimento para o consumo (a nível de decisões, senão também de custeio) tende a ser organizado coletivamente pelos grupos de co-residentes. Sugerir também, com base nos argumentos de Gershuny (1982) e Hirsch (1991) que, apesar disso, a divisão do trabalho no domicílio e a apropriação efetiva dos recursos acumulados ocorre de maneira não homogênea no grupo doméstico, variando o acesso a esses bens em função de gênero, idade, escolaridade etc. Assim, para a formação dos clusters

parece-me adequado estratificar a amostra combinando atributos individuais dos entrevistados (idade, sexo, condição de emprego e escolaridade) com variáveis relativas ao grupo doméstico como um todo (renda mensal familiar e características do domicílio). Formam-se em consequência disso, grupos de indivíduos com determinados atributos pessoais em comum, participantes de grupos domésticos entre si semelhantes e estratificados.

Quanto à idade, em razão do relativamente reduzido número de entrevistados, foi necessário construir grupos com intervalos bem maiores do que teria sido desejável do ponto de vista de uma compreensão mais sensível da importância das variações etárias na estruturação do consumo e na organização do tempo livre. Com essa limitação, segmentei a amostra pressupondo uma superposição provável entre as principais mudanças que marcam o fluxo da vida, o ciclo doméstico e as carreiras profissionais. Formei assim quatro classes: 18 a 35 anos, 36 a 50, 51 a 65 e 66 e mais, que se distribuem segundo a estratificação dos domicílios e os grupos ocupacionais conforme a Tabela II abaixo.

**TABELA II**  
**DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS**

**(a) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DO SEXO MASCULINO**

	18/35	36/50	51/65	66 e mais	total
Pobres	73	34	9	0	116
%	39,8	35,4	16,3	0	34,6
Modestos	52	27	21	0	100
%	28,4	28,1	38,1	0	29,8
Ricos	58	35	25	1	119
%	31,6	36,4	45,4	100	35,5
Total	183	96	55	1	335
%	99,8	99,9	99,8	100	99,9

## (b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DO SEXO FEMININO

	18/35	36/50	51/65	66 e mais	total
Pobres	43	21	12	1	77
%	29,0	30,4	33,3	100	30,3
Modestos	49	18	15	0	82
%	33,1	26,0	41,6	0	32,2
Ricos	56	30	9	0	95
%	37,8	43,4	25,0	0	37,4
Total	148	69	36	1	254
%	99,9	99,8	99,9	100	99,9

## (c) - DONAS DE CASA

	18/35	36/50	51/65	66 e mais	total
Pobres	45	18	9	3	75
%	50,5	22,5	19,1	9,6	30,3
Modestos	22	22	18	10	72
%	24,7	27,5	38,3	32,2	29,1
Ricos	22	40	20	18	100
%	24,7	50,0	42,5	58,0	40,4
Total	89	80	47	31	247
%	99,9	100	99,9	99,8	99,8

Não sendo meu objetivo fazer neste trabalho uma descrição exaustiva da amostra, mas apenas identificar contrastes relevantes entre os clusters, focalizarei apenas alguns grupos escolhidos estrategicamente. Estes são os formados por homens e mulheres da população economicamente ativa (incluindo aí os estudantes) ou por donas de casa, com idades variando de 18/35 e 36/50 anos (que denominarei simplesmente de "mais jovens" e "mais velhos"), e que ocupam os níveis sócio-econômicos extremos, que por uma questão econômica de linguagem designarei como os "mais pobres" e os "mais ricos".

Os principais atributos dessas categorias (pobre/rico, jovem/velho) em termos dos valores encontrados para toda a amostra são, em síntese, os seguintes:

**POBRE/JOVEM.** Pessoas de 18 a 35 anos de idade, residentes em domicílios classificados como "pobres" ou "muito pobres", das quais aproximadamente 71,2% possuem renda mensal familiar de até 5 salários mínimos. Nessas residências, os equipamentos encontrados com frequências próximas ou superiores a 50% são o

rádio (69,0%) e a TV preto e branco (56,0%). Dos entrevistados nesta categoria, por volta de 49% cursaram até o primário completo e 39% até o ginásio, ou seja, 88% possuem no máximo até o primeiro grau completo.

POBRE/VELHO. Pessoas de 36 a 50 anos de idade, residentes em domicílios classificados como "pobres" ou "muito pobres", das quais aproximadamente 70,7% possuem renda mensal familiar de até 5 salários mínimos. Nessas residências, o único equipamento encontrado com frequência próxima ou superior a 50% é o rádio (78,9%). Dos entrevistados desta categoria, 67% possuem até o primário completo e 24% o ginásio, ou seja, 91% cursaram no máximo até o primeiro grau completo.

RICO/JOVEM. Pessoas de 18 a 35 anos de idade, residentes em domicílios classificados como "bons" ou "de luxo", das quais aproximadamente 59,0% possuem renda mensal familiar de 16 salários mínimos ou mais. Nessas residências, os equipamentos encontrados com frequências próximas ou superiores a 50% são o vídeo-cassete (60,8%), o rádio-gravador (69,6%), o disco-laser (75,8%), a máquina fotográfica (76,7%), o rádio (77,1%) e a TV a cores (91,5%). Dos entrevistados desta categoria, aproximadamente 35% cursaram até o segundo grau completo e 38% frequentaram até a universidade.

RICO/VELHO. Pessoas de 36 a 50 anos de idade, residentes em domicílios classificados como "bons" ou "de luxo", das quais por volta de 61,7% possuem renda mensal de 16 salários mínimos ou mais. Nessas residências, os equipamentos encontrados com frequências próximas ou superiores a 50% são os mesmos descritos no grupo anterior, se bem que com frequências mais altas. Com excessão do rádio (entre os mais velhos este é o item com frequência mais baixa, ou seja 66,3%, e entre os mais jovens ele ocorre em 77,1% das entrevistas) é também mantida a mesma ordem (rádio 66,3%, vídeo-cassete 66,0%, rádio-gravador 78,8%, disco laser 80,3%, máquina fotográfica 85,3% e TV a cores 97,5%, aproximadamente). Dos entrevistados nessa categoria, 25% cursaram até o primário completo e 37% até a universidade.

Nas três categorias de ocupação/gênero consideradas (população economicamente ativa masculina, população economicamente ativa feminina e donas de casa), a variação da escolaridade parece em primeiro lugar diferenciar as mulheres entre si: as que trabalham fora tendem a possuir níveis de escolaridade mais altos do que as donas de casa. Além disso, ela diferencia entre PEA masculina e feminina: se na faixa mais jovem homens apresentam os índices mais elevados, na mais velha há um número maior de mulheres formalmente mais instruídas. De maneira geral, penso ser plausível afirmar que, embora haja uma relação direta básica entre posição social e escolaridade, ao se introduzir a variável idade do entrevistado explicita-se uma relação inversa entre idade e escolaridade que, entretanto, não chega a alterar o primeiro padrão. Ou seja, os dados parecem sugerir que a variável "idade" modula os padrões de escolaridade, já que tendem a ser mais elevados os dos entrevistados mais jovens em todas as classes, evidentemente respeitados os limites de cada uma delas. Essas tendências são cruciais para a formulação de hipóteses acerca da existência de estilos de vida e padrões de gosto diferentes no interior de cada estrato.<sup>19</sup>

As atividades associadas pelos entrevistados ao uso de um tempo que nesta pesquisa é definido como ocorrendo "após o trabalho", além de serem quantidades passíveis de mensuração e análise estatística, podem ser tomadas como formulações impregnadas de qualidades ou significados. Por exemplo, ao incluir prática de esportes e não leitura de jornais em suas horas de lazer, estar-se-á a meu ver discriminando (e preferindo, no contexto dado) entre uma atividade que envolve sociabilidade e utilização de equipamentos públicos e outra que se realiza individualmente e com recursos próprios, provavelmente no espaço da casa. Ou então, se mulheres de

---

<sup>19</sup> Os dados das Tabelas III e V de A.Arantes (1994) indicam uma tendência semelhante nos padrões de investimento dos vários níveis sociais em equipamentos para consumo de bens culturais: tende a ocorrer mais equipamentos ou equipamentos mais sofisticados entre os entrevistados mais jovens do que entre os mais velhos do mesmo nível sócio-econômico.

determinada posição social sistematicamente não se referem ao esporte como atividade de tempo livre e homens dessa mesma posição a incluem, entendo que é plausível formular a hipótese de que essa prática integra as diferenças (e relações) de gênero na população entrevistada.

Tais significados indiretamente articulados nessas respostas são cruciais para este estudo na medida em que sugerem pistas para a formulação de hipóteses sobre temas como (1) a ordenação simbólica do tempo (tempo de trabalho/tempo de lazer; semana/fim-de-semana), (2) as articulações entre consumo e lazer e as relações de gênero e geracionais e (3) e entre domesticidade e o uso de espaços e equipamentos públicos.

#### Tempo livre durante a semana.

As atividades que ocorrem nas respostas sobre o uso do tempo livre "durante a semana" remetem quase exclusivamente, em todos os grupos, ao espaço do domicílio. Elas tendem a ser realizadas individualmente (tal como o descanso ou a leitura) ou podem envolver o grupo doméstico (tal como ouvir música e assistir televisão). Na Tabela III (ver testes de significância e gráficos no Apêndice), apresento os dados relativos às atividades mencionadas nas entrevistas como sendo as que se realizam habitualmente após o trabalho durante a semana.

**TABELA III**  
**ATIVIDADES DE TEMPO LIVRE DURANTE A SEMANA**

#### (a) - DONAS DE CASA

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	6	10.7	6	17.6	8	36.3	3	5.2
2. Convívio	0	0	2	5.8	0	0	2	3.5
3. Esporte	0	0	0	0	0	0	0	0
4. Leitura	4	7.1	5	14.7	0	0	13	22.8
5. Televisão	40	71.4	17	50.0	13	59.0	34	59.6
6. Vídeo	1	1.7	1	2.9	0	0	3	5.2
7. Rádio	5	8.9	3	8.8	1	4.5	0	0
8. Música	0	0	0	0	0	0	2	3.5
9. Bar/Rest.	0	0	0	0	0	0	0	0
Totais	56	99,8	34	99,8	22	99,8	57	99,8

**(b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA FEMININA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	22	37.2	13	15.4	6	24.0	12	27.9
2. Convívio	3	5.0	2	2.3	0	0	0	0
3. Esporte	0	0	0	0	0	0	0	0
4. Leitura	3	5.0	8	9.5	0	0	13	30.2
5. Televisão	25	42.3	46	54.7	16	64.0	14	32.5
6. Vídeo	0	0	7	8.3	0	0	3	6.9
7. Rádio	5	8.4	6	7.1	3	12.0	1	2.3
8. Música	1	1.6	2	2.3	0	0	0	0
9. Bar/Rest.	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>Totais</b>	<b>59</b>	<b>99,5</b>	<b>84</b>	<b>99,6</b>	<b>25</b>	<b>100</b>	<b>43</b>	<b>99,8</b>

**(c) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	22	23.1	14	17.5	19	44.1	15	27.2
2. Convívio	11	11.5	4	5.0	0	0	1	1.8
3. Esporte	7	7.3	0	0	5	11.6	0	0
4. Leitura	0	0	16	20.0	0	0	7	12.7
5. Televisão	36	37.8	36	45.0	14	32.5	24	43.6
6. Vídeo	0	0	3	3.7	0	0	1	1.8
7. Rádio	10	10.5	4	5.0	3	6.9	4	7.2
8. Música	7	7.3	3	3.7	2	4.6	0	0
9. Bar/Rest.	2	2.1	0	0	0	0	3	5.4
<b>Totais</b>	<b>95</b>	<b>99,6</b>	<b>80</b>	<b>99,9</b>	<b>43</b>	<b>99,7</b>	<b>55</b>	<b>99,7</b>

São estatisticamente significantes<sup>20</sup> em todos os grupos masculinos as diferenças entre a proporção dos mais pobres que praticam atividades esportivas (P>R) e dos mais ricos que se dedicam à leitura (R>P).

Entre as mulheres mais jovens que trabalham fora de casa, por sua vez, ressaltam as diferenças em relação ao uso do vídeo (R>P) e ao descanso (P>R). Entre as mais velhas nessa categoria de ocupação são significantes as diferenças em torno de leitura (R>P) e televisão (P>R).

<sup>20</sup> Para a identificação de diferenças estatisticamente significantes usei o teste de diferença entre duas proporções, a um nível de significância de 5%. Os resultados do teste encontram-se no Apêndice.

Entre as donas de casa mais jovens, a única diferença estatisticamente significativa é assistir televisão (P>R) e, entre as mais velhas, o descanso (P>R) e a leitura (R>P), atividade que neste caso ocorre apenas entre as mais ricas.

No interior de grupos de mesma posição social, algumas diferenças geracionais são estatisticamente significantes: a frequência a bares e restaurantes contrasta entre si os homens mais ricos (V>J); e o convívio com a família (J>V) e o descanso (V>J), os mais pobres.

Estes dados sugerem, em relação à construção do tempo livre durante a semana, as seguintes características gerais:

1. Tende a ocorrer em todos os grupos uma clara predominância de atividades que se realizam no âmbito doméstico. As mulheres não fazem menção a nenhuma atividade fora de casa durante a semana e os homens referem-se apenas à prática de esportes e ida a bares após o trabalho. Convívio, neste contexto, significa principalmente sociabilidades no âmbito do grupo doméstico (família).

2. As mulheres mencionam um repertório de atividades mais restrito do que os homens para caracterizar o seu lazer durante a semana e entre elas essa característica parece ocorrer principalmente entre as mais velhas que trabalham fora de casa e entre as donas de casa mais jovens.

3. A referência à prática de esportes durante a semana contrasta predominantemente homens e mulheres. Além disso, ela participa das diferenças entre homens mais ricos e mais pobres (P>R).

4. A leitura (de jornais, revistas ou livros) parece ser um dos elementos mais significativos dos contrastes entre a construção do tempo livre feita por ricos e pobres em geral, sobretudo nos grupos masculinos. Estando ausente nas respostas dos homens mais pobres de todas as idades e nas das mulheres mais pobres e mais velhas, ela ocorre também entre as mulheres

pobres mais jovens (tanto as que trabalham fora quanto as donas de casa).

5. Assistir televisão e descansar são atividades que de modo geral distinguem o lazer feminino, principalmente entre as mulheres mais pobres. Os dados sugerem que os homens tendem a citar menos televisão do que as mulheres que trabalham fora e estas, por sua vez, menos do que as donas de casa.

6. As mulheres mais ricas referem-se em proporções significativamente maiores do que todos os demais grupos à leitura e assistir vídeo durante a semana nas horas de folga.

#### Tempo livre em fins de semana.

Ao falarem sobre o uso do tempo livre nos fins de semana, os entrevistados referem-se a atividades que ampliam sensivelmente os horizontes sociais e espaciais até aqui considerados. (Ver Tabela IV). O fim de semana é um tempo em que predominam os encontros com parentes e amigos, frequência a clubes, idas ao cinema e ao teatro, entre outras atividades fora de casa. Ele está claramente associado ao uso de espaços e equipamentos públicos. É um tempo que tende à intensificação das sociabilidades, mais do que ao "descanço", pensado como inatividade; é uma esfera que privilegia o grupo e abre-se aos ritos que celebram os círculos sociais mais amplos do que o grupo doméstico (comemorações, festas, reuniões).

Desde logo, chama a atenção o fato de que, em todos os grupos, parece haver uma diminuição significativa das referências ao "descanço" como prática de lazer. Menos do que significar um tempo de não-atividade, o conceito de fim-de-semana parece evocar algumas atividades específicas, tais como ir ao cinema, a parques e praças, ou viajar. Ou seja, as respostas sugerem, de modo geral, uma predominância de escolhas que pressupõem um espaço geográfico mais amplo do que a casa (bairro/cidade/outra localidade), um espaço social mais público do que o grupo doméstico (parentes e amigos/massa urbana) e que

envolvem (direta ou indiretamente) padrões mais impessoais de sociabilidade.

Essa tendência parece estar contida na referência a atividades que não haviam ocorrido em relação ao uso do tempo livre durante a semana e no aumento dos percentuais de participação em certas atividades (tais como ir a bares, restaurantes e praticar esportes) também mencionadas em relação aos chamados "dias úteis". Além disso, parece ampliar-se em relação aos fins de semana o espectro de grupos que incluem mais tipicamente em seu tempo livre atividades que pressupõem maior interação com outros grupos, maior participação em clubes ou associações e uso mais frequente dos equipamentos urbanos.

**TABELA IV**  
**ATIVIDADES DE TEMPO LIVRE EM FINS DE SEMANA**

**(a) - DONAS DE CASA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	1	1.8	0	0	0	0	1	1.4
2. Festa/visita	12	22.6	15	50.0	3	20.0	20	28.5
3. Esporte	0	0	0	0	0	0	0	0
4. Leitura	1	1.8	2	6.6	0	0	3	4.2
5. Televisão	33	62.2	6	20.0	12	80.0	14	20.0
6. Vídeo	0	0	2	6.6	0	0	1	1.4
7. Bar/Rest.	3	5.6	3	10.0	0	0	8	11.4
8. Praças/parques	2	3.7	2	6.6	0	0	8	11.4
9. Viagem	0	0	0	0	0	0	9	12.8
10. Cinema	1	1.8	0	0	0	0	6	8.5
<b>Totais</b>	<b>53</b>	<b>99,5</b>	<b>30</b>	<b>99,8</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>70</b>	<b>99,6</b>

**(b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA FEMININA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	7	15.9	2	3.1	2	10.0	0	0
2. Festa/visita	11	25.0	9	14.2	2	10.0	11	23.4
3. Esporte	1	2.2	4	6.3	0	0	0	0
4. Leitura	0	0	3	4.7	0	0	3	6.3
5. Televisão	13	29.5	7	11.1	16	80.0	11	23.4
6. Vídeo	0	0	1	1.5	0	0	1	2.1
7. Bar/Rest.	4	9.0	4	6.3	0	0	4	8.5
8. Praças/parques	1	2.2	9	14.2	0	0	5	10.6
9. Viagem	2	4.5	3	4.7	0	0	7	14.8
10. Cinema	5	11.3	21	33.3	0	0	5	10.6
<b>Totais</b>	<b>44</b>	<b>99,6</b>	<b>63</b>	<b>99,4</b>	<b>20</b>	<b>100</b>	<b>47</b>	<b>99,7</b>

## (c) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Descanço	10	10.2	4	4.4	6	13.9	1	1.7
2. Festas ou visitas	26	26.5	12	13.3	4	9.3	17	29.3
3. Esporte	15	15.3	2	2.2	13	30.2	3	5.1
4. Leitura	0	0	3	3.3	0	0	2	3.4
5. Televisão	24	24.4	16	17.7	12	27.9	16	27.5
6. Vídeo	1	1.0	4	4.4	0	0	0	0
7. Bar/Rest.	7	7.1	13	14.4	1	2.3	6	10.3
8. Praças/ parques	10	10.2	6	6.6	3	6.9	5	8.6
9. Viagem	1	1.0	16	17.7	4	9.3	8	13.7
10. Cinema	4	4.0	14	15.5	0	0	0	0
Totais	98	99,7	90	99,5	43	99,8	58	99,6

Entre os homens mais jovens, são estatisticamente significantes as seguintes diferenças: festas ou visitas e esporte (em ambos os casos  $P > R$ ) e viagem ou cinema (também para ambas  $R > P$ ). Entre os mais velhos, cinema e vídeo não são mencionados e, por sua vez, são significantes festas ou visitas ( $R > P$ ), descanso ( $P > R$ ) e uma vez mais esporte ( $P > R$ ).

Entre os homens de mesma posição social, são significantes as seguintes diferenças entre grupos etários: entre os mais pobres, festas e visitas ( $J > V$ ) e esporte e viagem ( $V > J$ ); entre os mais ricos (festas e visitas ( $V > J$ ) e cinema (apenas entre os mais jovens).

Assim como ocorreu nas informações sobre os dias de semana, as mulheres mais velhas e mais pobres (tanto donas de casa quanto as que trabalham fora) descreveram o lazer em final de semana mencionando um conjunto bem mais restrito de atividades do que os homens. As que trabalham fora deixaram de incluir em suas respostas esporte, leitura, vídeo, bar ou restaurante, passeios a praças ou parques, viagem e cinema, atividades que estão presentes nos demais grupos. As donas de casa, além de todas essas atividades, também deixaram de citar o descanso como atividade em fins de semana, que entre mulheres ocorre com frequências acima de 10% apenas entre as mais pobres que trabalham fora. Aliás, a reduzida referência ao "descanso" nas respostas das mulheres (principalmente entre as donas de casa)

remete ao problema apontado por autores atentos às diferenças de gênero na construção do lazer. Um dos que tratam do assunto transcreve a seguinte afirmação feita por uma dona de casa inglesa, que a meu ver expressa bem o problema: "I used to say that sundays were boring, but since we've had kids, I think Sundays are the busiest days that there is. That's when everyone's at home you see, you don't have a minute. I hate Sundays!"<sup>21</sup>

Entre as mulheres mais velhas, as diferenças significantes entre pobres e ricas são as seguintes. Entre as que trabalham fora, assistir televisão (P>R) e descansar (apenas entre as mais pobres); entre as donas de casa, apenas assistir televisão (P>R).

Para as mulheres da PEA mais jovens, estatisticamente significantes são o descanso (P>R) e, no sentido inverso (R>P), assistir televisão, passear em parques ou praças e ir ao cinema.

As diferenças significativas para os grupos femininos mais jovens são assistir televisão entre as donas de casa (P>R) e, entre as que trabalham fora, descansar (P>R) e assistir televisão, ir ao cinema e a praças ou parques (R>P).

Os dados sugerem que o lazer de fim de semana das mulheres mais jovens, tanto mais ricas quanto mais pobres, tende a incluir atividades menos caseiras do que o das mais velhas. Note-se que as donas de casa mais pobres mencionaram bares ou restaurantes (5%) entre outras atividades fora de casa (com frequências inferiores a esta), além de fazer visitas e ir a festas (22%). Essa tendência é reforçada no caso das mulheres que trabalham fora de casa entre as quais essas atividades parecem ocorrer com frequências mais altas.

As diferenças etárias significantes nos grupos femininos mais ricos dizem respeito a ir ao cinema (PEAF: J>V), participar de festas e fazer visitas (DCASA: J>V) e viajar (DCASA: V>J). E

---

<sup>21</sup> E.Green et al., 1990, p.5.

nos mais pobres a única encontrada refere-se a assistir televisão (V>J).

Assim, em resumo, pode-se afirmar que em relação às representações sobre o lazer em fins-de-semana:

1. Parece confirmar-se a tendência de as mulheres utilizarem um repertório de atividades mais restrito e caseiro do que os homens, o esporte ocorrendo ainda como atividade predominantemente (ainda que não exclusivamente) masculina e de grupos mais pobres.

2. As mulheres mais pobres tendem a incluir mais caracteristicamente do que os homens e mesmo do que as mulheres mais ricas o descanso e a televisão no modo como imaginam (e eventualmente usam) o seu final de semana.

3. O convívio com parentes e amigos parece ocorrer mais significativamente entre homens do que entre mulheres. Entre os mais jovens, as frequências são significativamente maiores entre os mais pobres do que entre os mais ricos; entre os mais velhos essa tendência tende a se inverter.

4. Tanto entre homens quanto entre mulheres, os mais ricos e mais jovens tendem a incluir em suas respostas, mais do que os mais pobres e mais velhos, passeios em parques e praças, viagens e idas ao cinema.

#### O que fazem os entrevistados?

Passarei a comentar os dados obtidos sobre as atividades declaradas como efetivamente praticadas pelos entrevistados,<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Em relação aos dados utilizados, devo frizar que os referenciais de tempo utilizados pelo questionário variam para as diferentes atividades consideradas, sobretudo em relação a aquelas que se realizam em casa. Para efeitos de composição de um quadro único de dados comparáveis entre si, selecionei as seguintes formulações que me parecem ser as menos discrepantes entre as utilizadas: viu televisão nos últimos dias, assiste vídeo pelo menos uma vez por mes, escuta habitualmente rádio em casa, costuma ouvir música pelo rádio, televisão, disco fita ou

diferenciando entre as realizadas em casa e as que ocorrem em lugares públicos, tais como salas de espetáculos, parques ou restaurantes.

O survey indaga sobre os seguintes itens que implicam em atividades que usualmente se realizam no domicílio: assistir televisão ou vídeo, ouvir música gravada (por meio de rádio, televisão, disco ou disco-laser), ler jornal, revista ou livro. Passarei a comentar os dados apresentados na Tabela V abaixo.

**TABELA V**  
**ATIVIDADES NO DOMICÍLIO**

**(a) - DONAS DE CASA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Jornal	3	6.6	11	50.0	1	5.5	21	52.5
2. Revista	11	24.4	13	59.0	2	11.1	31	77.5
3. Livro	9	20.0	12	54.5	2	11.1	18	45.0
4. Rádio	32	71.1	19	86.3	15	83.3	36	90.0
5. Música gravada	34	75.5	20	90.9	10	55.5	38	95.0
6. Televisão	44	97.7	22	100	15	83.3	39	97.5
7. Vídeo	0	0	14	63.6	0	0	19	47.5

**(b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA FEMININA**

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Jornal	15	34.8	24	42.8	3	14.2	22	73.3
2. Revista	16	37.2	27	48.2	2	9.5	22	73.3
3. Livro	12	27.9	37	66.0	1	4.7	18	60.0
4. Rádio	33	76.7	44	78.5	20	95.2	19	63.3
5. Música Gravada	38	88.3	54	96.4	21	100	28	93.3
6. Televisão	37	86.0	54	96.4	21	100	30	63.3
7. Vídeo	9	20.9	30	53.5	2	9.5	18	60.0

**(c) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA**

outro meio, lê jornal pelo menos uma vez por semana, lê revista pelo menos uma vez cada dois meses, leu livro nos últimos três meses. Em relação às atividades fora de casa, optei pelo período de um ano (o ano anterior à entrevista). Além das razões apontadas anteriormente, estes dados que se referem em princípio a práticas efetivas, também interessam mais a esta reflexão na medida em que permitem esboçar configurações e sugerir contrastes, mais do que enquanto medidas precisas de freqüências das atividades selecionadas.

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Jornal	18	24.6	52	89.6	11	32.3	25	71.4
2. Revista	9	12.3	43	74.1	2	5.8	25	71.4
3. Livro	15	20.5	32	55.1	1	2.9	17	48.5
4. Rádio	66	90.4	44	75.8	26	76.4	26	74.2
5. Música Gravada	70	95.8	58	100	28	82.3	34	97.1
6. Televisão	62	84.9	54	93.1	27	79.4	35	100
7. Vídeo	11	15.0	37	63.7	1	2.9	23	65.7

### Ler jornais, revistas e livros

As diferenças significantes entre as proporções em que estas atividades são praticadas pelos diferentes grupos distribuem-se da seguinte forma:

1. Em todos os grupos considerados, a leitura de livros ocorre em proporções significativamente maiores entre os mais ricos.

2. Com exceção das mulheres mais jovens que estudam ou trabalham fora, em todos os demais grupos os ricos lêem revistas e jornais significativamente mais do que os mais pobres. Ou seja, apenas entre as mulheres mais jovens que trabalham fora não há diferença significativa entre a frequência dessas atividades entre os níveis sócio-econômicos.

3. Em termos etários, as diferenças são mais nuançadas. Não apresentando diferenças relevantes entre as donas de casa e entre as mulheres mais pobres que trabalham fora, ler livros ou revistas é significativamente mais frequente entre as mais jovens do que entre as mais velhas e, entre as mais ricas, revistas e jornais predominam entre as mais velhas. Nos grupos masculinos, ler livros diferencia jovens e velhos mais pobres (J>V), enquanto ler jornais contrasta os grupos mais ricos entre si (J>V).

### **Ouvir rádio e música gravada**

Audiência de rádio e de música gravada são atividades que ocorrem com números elevados em todos os grupos. No geral, as diferenças mais significativas talvez sejam expressas em termos de preferências por gêneros musicais ou por diferentes emissoras, mais do que à prática ou não dessa atividade.

Em relação a audição de rádio, são estatisticamente significativas apenas as diferenças entre pobres e ricos ( $P > R$ ) na PEA feminina mais velha e masculina mais jovem. Quanto a audição de música entre donas de casa e homens mais velhos, a proporção de ricos é significativamente maior do que a de pobres. Para essas atividades a diferença significativa em termos de grupos etários encontra-se entre os homens mais pobres, sendo maior entre jovens do que entre velhos.

### **Assistir televisão e vídeo**

Assim como no caso do rádio, ver televisão ocorre com frequências elevadas em todos os grupos. São significantes os contrastes entre ricos e pobres no que diz respeito a assistir televisão no caso das donas de casa e entre homens mais velhos ( $R > P$ ). E, entre as donas de casa mais pobres, as diferenças entre jovens e velhas.

Assistir vídeo é atividade mais característica dos entrevistados mais ricos. Essa diferença é estatisticamente significativa em todos os grupos considerados ( $R > P$ ).

### **Comentários: atividades em casa.**

De modo geral, os grupos mais ricos (e em cada um dos níveis considerados, os mais jovens) parecem praticar mais do que os mais pobres (e mais velhos) as atividades incluídas no levantamento, assim como um número maior delas (frequências mais altas para um número maior de atividades). Esse padrão é compatível com a reconstituição feita anteriormente quanto aos equipamentos instalados nos diversos tipos de domicílio

considerados, segundo a qual parece haver uma correlação direta entre volume de equipamentos presentes no domicílio e nível sócio-econômico, e inversa em relação a idade.

O uso de equipamentos de rádio, som e televisão está amplamente difundido em todos os grupos da amostra investigada e será necessário considerar preferências por estilos de programação para desenvolver uma reflexão mais adequada sobre a diferenciação social que se constroi com base no uso desses bens.

A leitura e, sobretudo, o uso do vídeo, entretanto, são atividades que fazem parte mais tipicamente do tempo livre dos mais ricos, nos vários grupos aqui considerados, embora também ocorram, como já enfatizei, entre alguns dos demais.

É interessante registrar algumas diferenças entre gêneros de leitura praticados por alguns grupos que talvez não se expliquem apenas em função de maior escolaridade, a saber: (1) entre os mais pobres, parece haver maior diversidade nas modalidades de leitura praticadas pelos mais jovens do que pelos mais velhos; (2) entre eles ocorrem mais revistas e livros para os homens e mais jornais e revistas para as mulheres que fazem parte da PEA; (3) entre os mais ricos, ocorre mais leitura de jornais e menos revista e livro para as mulheres da PEA mais velhas, assim como mais revistas para as donas de casa mais velhas; e finalmente (4) as mulheres da PEA são talvez, entre os pobres e jovens, o grupo que mais pratica todos os tipos de leitura considerados.

### Sair ou ficar em casa?

Antes de passar para a análise dos dados relativos a atividades fora de casa, vejamos algumas informações que podem indicar graus e razões de preferência por determinado meio utilizado, quando uma atividade pode ser praticada em casa ou em local público. Refiro-me às alternativas de se preferir filme no vídeo, na televisão ou no cinema, e espetáculos ao vivo ou pela televisão.

**TABELA VI**  
**PREFERÊNCIA POR FILMES OU ESPETÁCULOS AO VIVO, POR VIDEO OU TV**  
**(porcentagem sobre o total do grupo)**

**(a) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA**

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
FILMES	%	%	FILMES	%	%
video	14,0	13,7	video	26,2	33,3
cinema	43,8	55,1	cinema	67,5	33,3
tv	38,5	31,0	tv	6,2	33,3
indif.	3,5	0	indif.	0	0

  

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
ESPETÁCULOS			ESPETÁCULOS		
ao vivo	51,0	40,9	ao vivo	76,2	46,0
tv	43,4	51,8	tv	23,7	51,0
video	5,4	7,2	video	0	3,0

**(b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA FEMININA**

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
FILMES	%	%	FILMES	%	%
video	30,2	0	video	12,6	20,7
cinema	69,7	57,1	cinema	79,7	54,7
tv	0	42,8	tv	3,7	16,9
indif.	0	0	indif.	0	7,5

  

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
ESPETÁCULOS			ESPETÁCULOS		
ao vivo	68,1	46,3	ao vivo	82,0	69,0
tv	31,8	53,6	tv	16,0	24,0
video	0	0	video	2,0	7,0

**(c) - DONAS DE CASA**

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
FILMES	%	%	FILMES	%	%
video	27,2	0	video	80,0	17,7
cinema	27,2	0	cinema	20,0	66,6
tv	45,5	100	tv	0	0
indif.	0	0	indif.	0	15,5

  

Pobres			Ricos		
18/35			36/50		
ESPETÁCULOS			ESPETÁCULOS		
ao vivo	52,6	17,0	ao vivo	47,5	81,0
tv	43,1	82,9	tv	47,5	15,0
video	4,2	0	video	4,9	4,0

No caso de filmes, a preferência por assisti-los em salas de projeção é majoritária num grande número de grupos (excetuam-se as donas de casa: as jovens mais ricas, preterem

majoritariamente filmes em vídeo e as mais pobres, nas duas faixas etárias, pela televisão), quase sempre em razão de se considerar que as salas de espetáculos oferecem melhores condições técnicas do que os equipamentos domésticos. Nas respostas, esse motivo é quase sempre articulado com o argumento de que, em consequência disso, filmes em cinema propiciam maior emoção (é frequente a resposta de que no cinema, assim como no teatro, os entrevistados "sentem mais" o espetáculo). Outros dizem, diretamente, que preferem esta alternativa por que é um motivo para saírem de casa. A escolha de ficar em casa, quando ocorre, é em geral justificada em razão de "comodidade".

Entre os homens mais ricos e mais velhos, parecem não haver uma diferenciação muito clara entre as alternativas apresentadas para filmes ou mesmo para espetáculos. Por outro lado, as mulheres da PEA e as donas de cas mais velhas nesta posição social expressam uma preferência clara por filme no cinema e, principalmente, por espetáculos ao vivo.

Entre os mais jovens desse nível sócio-econômico, os homens parecem preferir claramente as opções não caseiras assim como mulheres mais jovens da PEA (mas não as donas de casa). Entre estas últimas, no caso das jovens, não há preferência clara quanto a assistir espetáculos ao vivo ou pela televisão mas, se comparadas com as mais velhas, (que claramente preferem espetáculos ao vivo), parece haver uma diferença bastante significativa em favor da opção doméstica.

Entre os mais pobres, os homens não apresentam uma preferência tão clara por filmes no cinema como os jovens mais ricos. Entretanto, parece haver, entre os mais jovens, uma preferência clara por espetáculos ao vivo enquanto, que para os mais velhos a preferência mais acentuada parece ser a versão televisiva.

As mulheres da PEA mais pobre parecem também preferir as alternativas não-caseiras, tendendo à acompanhar o mesmo padrão das mais ricas, que aliás se inverte entre as donas de casa.

Entre as mulheres mais ricas, os principais motivos apontados pelas donas de casa mais jovens por sua preferência por filmes no vídeo valorizam claramente o espaço doméstico: é melhor por que é "cinema em casa". Inversamente, a principal razão por preferirem filmes no cinema apresentada entre as mulheres mais jovens da PEA é a de ser motivo para "sair de casa". As mais velhas dividem-se entre essa razão e outra, também muito citada, que diz respeito ao fato das salas de espetáculos propiciarem maior emoção na recepção.

### Atividades fora de casa.

Os dados que comentarei a seguir parecem ser compatíveis com os perfis delineados anteriormente para os vários grupos considerados. Eles encontram-se na Tabela VII abaixo.

**TABELA VII**  
**ATIVIDADES DE TEMPO LIVRE FORA DO DOMICÍLIO**  
**(sobre total do grupo)**

#### (a) - DONAS DE CASA

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Cinema	11	24.4	7	31.8	0	0	15	37.5
2. Espetáculo	2	4.4	1	4.5	0	0	25	62.5
3. Casa noturna	1	2.2	8	36.3	0	0	13	32.5
4. Música ao vivo	16	35.5	7	31.8	2	11.1	14	35.0
5. Feira/exposição	5	11.1	5	22.7	0	0	29	72.5
6. Zoo/prça/parque	3	6.6	4	18.1	0	0	3	7.5
7. Bar/restaurante	0	0	0	0	0	0	0	0
8. Ativ. no bairro	0	0	0	0	0	0	3	7.5
9. Convívio	26	57.7	14	63.6	8	44.4	30	75.0

#### (b) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA FEMININA

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Cinema	18	41.8	42	75.0	6	28.5	16	53.3
2. Espetáculo	18	41.8	45	80.3	2	9.5	23	76.6
3. Casa noturna	19	44.1	52	92.8	1	4.7	20	66.6
4. Música ao vivo	14	32.5	28	50.0	4	19.0	17	56.6
5. Feira/exposição	22	51.1	51	91.0	2	9.5	30	100
6. Zoo/prça/parque	5	11.6	10	17.8	5	23.8	5	16.6
7. Bar/restaurante	1	2.3	4	7.1	0	0	0	0
8. Ativ. no bairro	1	2.3	1	1.7	0	0	4	13.2
9. Convívio	19	44.1	31	55.3	6	28.5	17	56.6

## (c) - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA

	18 a 35				36 a 50			
	Pobre	%	Rico	%	Pobre	%	Rico	%
1. Cinema	41	56.1	46	79.3	10	29.4	16	45.7
2. Espetáculo	16	21.9	51	87.9	9	26.4	14	40.0
3. Casa noturna	30	41.1	52	89.6	9	26.4	25	71.4
4. Música ao vivo	26	35.6	16	27.5	3	8.8	8	22.8
5. Feira/exposição	24	32.8	55	94.8	34	100	32	91.4
6. Zoo/prça/parque	10	13.7	6	10.3	1	2.9	6	17.1
7. Bar/restaurante	1	1.3	3	5.1	0	0	2	5.7
8. Ativ.no bairro	2	2.7	8	13.7	2	5.8	0	0
9. Convívio	47	64.5	36	62.0	11	32.3	16	45.3

Considerando aqui também informações a respeito de comportamentos efetivos e trabalhando com números aproximados, passarei a comentar os dados obtidos por perguntas sobre as seguintes atividades realizadas no último ano pelos entrevistados: cinema, espetáculo de teatro e/ou dança, casa noturna (assistir a show ou sair para dançar), show musical ou concerto, feiras ou exposições, zoológico, praça ou parque, bar ou restaurante, atividades no bairro e finalmente festas ou visitas a parentes e amigos.<sup>23</sup>

### Cinema, espetáculos e casas noturnas

Em relação a essas atividades, parecem ocorrer as seguintes tendências:

1. É significativa a diferença entre pobres e ricos (R>P) em todos os grupos no que diz respeito a frequentar cinemas, casas de espetáculo e casas noturnas. Quanto às diferenças etárias,

<sup>23</sup> A tabela foi calculada a partir das seguintes perguntas: cinema (V34), teatro/dança (V43:J + V39), casa noturna (V43:D+L), música ao vivo (V42 + V43:H), feiras/exposições (V43:E+F+G), zoo/parque/prça (V68A: 6+8+10), bar/restaurante (V68: 5+13), atividades no bairro (V46), festas/visitas (V68A: 2+3+4+7). Convém observar que a pergunta 68 admitia múltiplas respostas. Para efeitos destes comentários, apenas considereei a primeira e, por conseguinte, os dados encontram-se subestimados. Por outro lado, ao agregar valores de mais de uma variável, criam-se indicadores superestimados. Apesar desses inconvenientes, esses procedimentos permitem reunir informações que se encontravam dispersas no questionário evitando, por outro lado, um aumento excessivo das frequências de atividades de naturezas próximas, o que poderia ocorrer se fossem consideradas uma segunda ou terceira atividade mencionada.

apenas no caso do teatro e entre as donas de casa mais velhas e mais ricas ocorre significativamente  $V > J$ . Nos demais casos, as diferenças apontam para a hipótese inversa, ou seja,  $J > R$ .

2. Entre as mulheres, as que desempenham atividade regular fora de casa tendem a frequentar cinema, casa noturna e espetáculos mais do que as donas de casa, nas duas posições consideradas.

3. Para essas atividades, talvez a linha de diferenciação que separa as duas categorias de mulheres seja mais significativa do que as diferenças de gênero ou de nível sócio-econômico.

#### **Música ao vivo**

Ouvir música ao vivo ocorre com frequências relativamente altas em todos os grupos da amostra, e os dados apresentam uma distribuição um pouco distinta do que foi acima indicado como regra geral. Do ponto de vista estatístico, apenas duas diferenças são significativas:  $R > P$  entre as mulheres que trabalham fora mais velhas e, entre os homens pobres,  $J > V$ .

#### **Feiras e exposições**

Certamente superestimada por agregar informações sobre tipos de atividades muito variadas (como feiras de livros, de artesanato, exposições em museus e em galerias), mas não sendo talvez mais abrangente do que outros itens deste levantamento esta é a variável que apresenta os números mais altos para todas as classes. Confirma-se a tendência geral de haver uma participação maior de pessoas de nível sócio-econômico mais alto nas atividades fora de casa. Contudo deve-se notar que dos quatro grupos onde ocorrem diferenças significativas entre as gerações, em três os mais idosos predominam sobre os mais jovens.

### **Zoo, praça ou parque, bares e restaurantes**

Essas atividades ocorrem com frequências baixas em praticamente todos os grupos e sem diferenças que sejam estatisticamente significantes. Os dados parecem conformar-se ao padrão geral de maior participação dos mais jovens e ricos, valendo frisar que nenhuma dona de casa ou mulher mais velha da população economicamente ativa disse ter frequentado efetivamente bares ou restaurantes no ano anterior à entrevista, embora tivessem incluído tais atividades na sua representação sobre o final de semana.

### **Festas e visitas**

Estas atividades ocorrem com frequências relativamente elevadas na amostra, variando entre 32% e 75%. Neste caso, são estatisticamente significantes as diferenças entre pobres e ricos nos grupos femininos mais velhos (R>P) e entre jovens e velhos no grupo masculino mais pobre (J>V).

### **Comentários: atividades fora de casa**

Na grande maioria dos casos, parece haver portanto diferenças significativas entre as faixas etárias, os gêneros e as posições sociais quanto à participação em atividades do mesmo tipo: os mais ricos e mais jovens participando mais do que os mais pobres e mais velhos.

No caso das atividades realizadas no domicílio, ler e assistir vídeo são predominantes nos grupos mais ricos da amostra. Apenas as mulheres mais jovens vinculadas à força de trabalho parecem fugir à regra, especificamente quanto à leitura de jornais e revistas (mas não de livros), já que no caso dessa categoria as diferenças numéricas encontradas não são estatisticamente significantes.

Quanto a assistir televisão e ouvir música gravada, as diferenças previstas na regra geral tendem a ser encontradas apenas nos grupos masculinos mais velhos e entre as donas de

casa. O uso do rádio predomina entre os mais pobres nos dois grupos onde esta diferença é relevante do ponto de vista estatístico.

Nas atividades fora de casa, um primeiro ponto a destacar é que elas ocorrem com frequências relativamente altas em todos os grupos exceto entre as donas de casa mais jovens (tanto pobres quanto ricas). Essa tendência sugere desde logo a necessidade de se relativizar as concepções "privatistas" ou "tv-centradas" acerca do lazer em São Paulo, em particular entre os estratos mais ricos e mais jovens da população.

Além disso, as diferenças encontradas sugerem que há uma forte tendência (em relação a atividades como ir ao cinema, a espetáculos de teatro e dança, a feiras e exposições, assim como sair para dançar ou assistir a shows em casas noturnas) de que participem predominantemente os grupos mais ricos da amostra.

Por outro lado, a não conformidade absoluta com essas tendências permite indagar sobre a relevância das demais variáveis (gênero e idade) que intervêm na constituição interna dessas formas distintas de perfis lazer. No interior do conjunto formado pelos homens e mulheres mais pobres, por exemplo, as diferenças significativas que ocorrem em relação a faixas etárias indicam que a tendência aqui predominante é de que haja maior participação dos mais jovens do que dos mais velhos. Quanto às atividades que se realizam em casa, pode-se dizer que predominam os mais jovens (1) entre os homens, na leitura de livros e audição de música; (2) entre as mulheres da população economicamente, ativa em relação à leitura de revistas e livros; (3) e entre as donas de casa, em termos da audiência de televisão. Há uma predominância significativa dos mais velhos entre as mulheres da PEA nas atividades de assistir televisão e ouvir rádio (entre as mais pobres) e ler jornais e revistas (entre as mais ricas).

Ainda no nível sócio-econômico mais baixo, mas em relação a atividades fora de casa, excetuando ir a feiras ou exposições, os dados parecem sugerir que mais jovens do que velhos

frequentam clubes noturnos, teatros e shows musicais. Essas diferenças parecem afetar mais os homens e as mulheres que trabalham fora de casa do que as donas de casa, que parecem participar menos dessas atividades.

Consideremos agora os grupos mais ricos. Entre estes, se as diferenças encontradas entre os homens parecem confirmar a regra (indicando mais jovens do que velhos nos cinemas, espetáculos e casas noturnas), entre as mulheres, por um lado, ocorre um menor número de atividades e por outro, a regra geral chega a se inverter, as mais velhas apresentando maior frequência a feiras e exposições e a espetáculos de teatro e dança do que as mais jovens.

Essas tendências sugerem que talvez nos grupos sócio-econômicos mais altos as mulheres mais velhas tendam a ser mais participativas do que os homens na mesma faixa etária, tanto em relação a atividades realizadas em casa (como a leitura) quanto nas realizadas fora. Essa tendência se confirma no caso dos espetáculos de teatro e dança ( $Z = 2.8120$  para PEA+DCASA, mais ricas e mais velhas) mas não para leitura de jornal ( $Z = -1,0131$ ) ( $H_0: M > H$ ).

## CONCLUSÃO

Neste mar de números, vislumbro alguns tênues contornos em relação aos quais gostaria de formular, ao concluir estes comentários, algumas hipóteses para estudos futuros.

O eixo do tempo sugere o que suponho ser a tendência geral mais fortemente presente nos dados. As atividades que ocorrem na configuração expressa pelos diversos grupos para o tempo livre "durante a semana" remetem quase que exclusivamente a práticas que têm lugar no domicílio e que ou são realizadas solitariamente (como o descanso ou a leitura) ou podem envolver o grupo doméstico (tal como ouvir música e assistir televisão). Aqui, a hipótese seria de que as atividades de tempo livre durante a semana tendem a um maior grau de privacidade e mais à esfera do indivíduo. O final de semana, que é um tempo em que

predominam os encontros com parentes e amigos, frequência a clubes, idas ao cinema e ao teatro, entre outras atividades fora de casa, associa-se mais claramente ao uso de espaços e de equipamentos públicos. É um tempo que tende à intensificação das sociabilidades, mais do que ao descanso pensado como inatividade; é uma esfera que privilegia o grupo e se abre aos ritos que celebram os círculos sociais mais amplos do que o grupo doméstico (comemorações, festas, reuniões).

A estratificação social se faz presente (1) na posse e uso de certos equipamentos que são por si só indicadores de estilos de vida diferenciados (como é o caso do vídeo-cassete, mais frequente entre os mais ricos e o televisor branco e preto, entre os mais pobres), (2) na prática de determinadas atividades (por exemplo, a leitura entre os mais ricos e o esporte entre os mais pobres) e (3) nas "quantidades" (e provavelmente tipos) de sociabilidade que mobilizam: entre os mais ricos, tendem a ser mais frequentes passeios, viagens, ir a bares e a restaurantes, ou seja, atividades que tendem a colocar o indivíduo em esferas de relações mais impessoais; enquanto que os mais pobres referem-se mais fortemente a atividades em família, ao esporte e outras que tendem a reforçar redes de relações primárias.

O eixo dos gêneros modulados pelo trabalho sugerem, em primeiro lugar, algumas semelhanças entre os padrões expressos pelos que trabalham fora de casa (homens e mulheres, entre estas sobretudo as mais jovens) e que os diferenciam das donas de casa (e das mulheres mais velhas que trabalham): os primeiros tendem a apresentar repertórios mais amplos e diversificados (incluindo viagens, passeios e o jogo, entre outros), de que faz parte um bom número de atividades fora de casa (tais como ir ao cinema, ao teatro, a shows, assim como viagens, passeios e esporte). As donas de casa (e entre estas particularmente as mais jovens) tendem a concentrar-se mais no padrão "descanso, leitura e tevê".

No esforço de desentranhar essas "tendências predominantes" da massa dos dados estatísticos disponíveis tornou-se claro que os contrastes identificados fazem parte de conjuntos complexos

de variáveis interligadas (gênero, idade, posição social, além de, provavelmente, etnicidade e origem, entre outros fatores que não puderam ser levados em consideração neste estudo).

De fato, as tentativas de compreensão dos dados a partir de hipóteses deterministas ou unilaterais acabam se frustrando diante da complexidade apresentada pelo material empírico. Este na verdade sugere que a construção social do tempo livre, menos do que ser consequência de algum fator preponderante, resulta do entrelaçamento de múltiplas variáveis que se modulam reciprocamente (neste caso foram considerados posição social, gênero e idade). Por exemplo, apesar dos baixos índices de escolaridade encontrados entre todos os entrevistados mais pobres, a leitura não está banida dos horizontes dos grupos femininos nessa posição, ocorrendo entre as mulheres de modo geral bem mais do que entre os homens.

Nesse sentido também, os dados sugerem que apesar da escassez de recursos materiais que caracteriza a grande maioria da população e da tendência à privatização e ao enfraquecimento das relações primárias no contexto urbano, que ademais seriam reforçadas pela sedução que é exercida pelas "diversões eletrônicas" caseiras, a grande maioria dos entrevistados (homens e mulheres) parece preferir, pelo menos em princípio, as formas mais públicas e diretas de entretenimento (tais como as que implicam em ir ao cinema e ao teatro).

Como parte dessa tendência, e apesar do "patriarcalismo" dominante, esta pesquisa indica que em alguns contextos as mulheres participam de atividades de lazer fora de casa significativamente mais do que os homens (particularmente nos estratos mais ricos e mais velhos), algumas vezes envolvendo-se com práticas que são citadas mais frequentemente por estes últimos (tais como o esporte, bares e o cinema) nas suas representações do tempo livre. É claro que para uma compreensão adequada do significado social desses dados seria preciso identificar mais especificamente o tipo de atividade mencionada (por exemplo, a modalidade esportiva praticada, já que diferenças nesse plano também fazem parte dos códigos de

construção dos gêneros e das idades) e alguns componentes das situações sociais em que essas práticas ocorrem (em companhia de quem, em que horário, em que tipo de lugares) Mas o relevante aqui é enfatizar que não parece ocorrer uma correspondência estrita entre as diferenças de gênero e o privilegiamento da dimensão doméstica ou pública do espaço social. Desse ponto de vista, não seria sempre verdadeira a presumida correlação "homem:rua::mulher:casa".

Esses dados "discrepantes" talvez sejam indicativos de mudanças sociais em curso nas relações entre pessoas de diferentes gêneros e em idades diversas. De fato, essa tendência a um certo "abrandamento" das fronteiras sociais tem sido apontada por inúmeros autores como uma importante característica das culturas urbanas contemporâneas<sup>24</sup>, em grande parte resultante dos questionamentos dos padrões de dominação até recentemente estabelecidos na cultura ocidental de modo geral.

Também as informações disponíveis sobre as práticas efetivas expressam mudanças em curso, desta vez em relação ao grau de participação das diferentes categorias sociais nas atividades consideradas. O óbvio e esperado seria que os grupos que dispõem de mais recursos (tanto materiais quanto de instrução) participem mais do mercado de bens culturais. Embora esse padrão ocorra como tendência geral, e ficou claro que dentro de cada estrato os mais jovens tendem a apresentar frequências mais elevadas de participação em atividades de lazer. Da mesma forma, estes parecem investir mais do que os mais velhos na instalação de uma infraestrutura de equipamentos domésticos (tais como aparelhos de som, televisão e vídeo) que são, eles mesmos, pré-condição para consumo de diversos tipos de bens culturais. Mas, não seria correto afirmar, a partir desses dados, que os jovens sempre participam mais: entre as donas de casa, geralmente a tendência é inversa.

---

<sup>24</sup> Este tema é amplamente debatido, entre outros, por N. Featherstone (1991) e A. Giddens (1991).

#### 4. FINALIZANDO.

Não gostaria de concluir este ensaio sem insistir uma vez mais que as atividades consideradas caracterizam-se por serem socialmente definidas como intersticiais. Com isso quero dizer, em primeiro lugar, que elas ocorrem em intervalos de tempo que são delimitados pela atividade do "trabalho" (remunerado ou não), aqui pensado como experiência social variável para as diferentes categorias e estratos sociais e ocupacionais. Adotar essa perspectiva, entretanto, não implica automaticamente em aceitar a hipótese de que essas atividades sejam ordenadas pela e para a "produção". Ou seja, ao mesmo tempo que admito que a segmentação do tempo se dê principalmente em função do trabalho (como prática social efetiva) e da produção (como marco estrutural mais amplo), e que a inserção no processo produtivo restrinja o acesso dos sujeitos a recursos básicos do ponto de vista do consumo cultural (tais como informação e equipamentos, além da disponibilidade de tempo propriamente dita), os dados apresentados parecem confirmar que esse fator por si só não gera segmentos socialmente homogêneos do ponto de vista de estilos de vida, gostos e práticas preferenciais no uso do tempo livre.

Por essa razão acredito que, para entender adequadamente a estruturação dessa esfera da vida social, seja necessário levar em consideração pelo menos as variações de gênero e idade, particularmente no contexto das relações no grupo e no espaço domésticos, conforme argumentei ao longo dessa exposição.

Por outro lado, pensar essas atividades como intersticiais é admitir que elas possam propiciar experiências de transcendência do aqui e do agora, eventualmente incluindo no plano do imediatamente vivido a realização de expectativas de prazer, de liberdade ou de desenvolvimento pessoal, que tanto preocupam os estudiosos do "lazer".

Refiro-me ao que Victor Turner descreve como "subjunctive or optative modes" da cultura que constituem, segundo ele, as experiências de entretenimento nas sociedades modernas. "The persona works", diz ele, "the individual plays; the former is

governed by economic necessity, the latter is entertained; the former is in the indicative mood of culture; the latter in the subjunctive or optative moods".<sup>25</sup> Esses dois planos (o modo indicativo e o modo subjuntivo) da cultura não estão dissociados um do outro na experiência concreta, e uma das questões fundamentais da teoria social contemporânea diz respeito justamente à natureza dessa articulação.

Não tenho em mente nestas reflexões os recursos e meios intelectuais e artísticos mais sofisticados da Europa e dos Estados Unidos, aos quais geralmente se referem os autores que têm tratado dessa questão desse ponto de vista. Esta pesquisa é sobre a cidade de São Paulo, onde não só é presumivelmente reduzida a quantidade e baixa a qualidade da oferta de bens culturais, como também é restrita a capacidade de consumo. Apesar disso, acredito ser plausível, no contexto paulistano, refletir sobre a hipótese de que as práticas de "entretenimento" propiciariam, nas linguagens dos gêneros culturais aí disponíveis, a experiência de "acting" no modo subjuntivo de que fala Turner. E que essas práticas participariam da criação de uma esfera em relação à qual a vida cotidiana possa ser cotejada e vista com certo grau de estranhamento e, quiçá, criticamente. Nesse contexto, creio ser possível formular a hipótese de que as atividades de "tempo livre", ocorrendo em um tempo em suspensão, que seria como um esfumaçamento do tempo do relógio a qualquer hora (ou como sugere a formulação feminina mencionada no início dessas páginas, mais um estado ou qualidade do que coisa concreta), permitiriam imaginar e experimentar inovações no plano das relações sociais, principalmente nas esferas das práticas etárias e de gênero, seja na família, seja fora dela. Nesse sentido, os bens culturais, carregados de uma primeira significação e da legitimidade que lhes confere o mercado, surgiriam como operadores culturais com os quais se estabeleceriam os termos da convivência social, em velhas, ou novas roupagens. Mas estas são questões que fogem ao escopo do presente ensaio, já que exigem dados que apenas poderiam ser produzidos por outra metodologia.

---

<sup>25</sup> V. Turner, op.cit., respectivamente p.122 e p.115.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- A. APPADURAI (ed.) The Social Life of Things. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- A.A. ARANTES Horas Furtadas. Campinas: Cadernos do IFCH, UNICAMP, 1994.
- J. BAUDRILLARD Para uma Crítica da Economia Política do Signo. Lisboa: Edições 70, 1972.
- J. BAUDRILLARD Simulations. New York: Semiotext(e), 1983.
- P. BOURDIEU La Distinction: critique sociale du jugement. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.
- J. CLARKE & C. CRITCHER The Devil Makes Work. London: Macmillan, 1985.
- M. CORRÊA "Mulheres e Família" in BIB, nº 18. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1984.
- R. DEEM "Feminism and leisure studies: opening up new directions" in Wimbush & Talbot, 1988.
- M. DOUGLAS & BARON ISHERWOOD The World of Goods: towards an anthropology of consumption. Harmondsworth: Penguin Books, 1978.
- E. DURHAM "A família e a vida cotidiana da população operária: consciência e ideologia" in Dados, v.23 nº 2, 1980.
- E. EVERITT Cluster Analysis. London: Heineman Educational Books, Social Sciences Research Council, 1974.
- M. FEATHERSTONE Consumer Culture and Postmodernism. London: Sage, 1991.
- L. FUKUI "Estudos e pesquisas sobre família no Brasil" in Cerqueira et al. O Que Se Deve Ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/Anpocs, 1986.
- A. GELL "Newcomers to the world of goods" in A. Appadurai (ed) 1986.
- J. GERSHUNY "Household tasks and the use of time" in Wallman (ed), 1982.
- A. GIDDENS Modernity and Self-identity. London: Polity Press, 1991.
- E. GREEN et al. Women's Leisure, What Leisure? London: Macmillan, 1990.
- E. GREEN & HEBRON "Leisure and male partners" in Wimbush & Talbot, 1988.

- D. HARVEY The Condition of Postmodernity. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- E. HIRSCH "The long term and the short term conditions of domestic consumption" in R.Silverstone & E.Hirsch (ed) Consuming Technologies (no prelo).
- R. HOGGART The Uses of Literacy. Harmondsworth: Penguin Books, 1958.
- J. MARTIN-BARBERO De los Medios a las Mediaciones. Mexico: Grijalbo,
- D. MILLER Material Culture and Mass Consumption. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- H. MOORHOUSE "Models of work, models of leisure" in Rojek, 1989.
- D. MORLEY Family Television. London: Comedia, 1986.
- S. PARKER The Future of Work and Leisure. London: MacGibbon & Kee, 1971.
- K. ROBERTS Contemporary Society and the Growth of Leisure. London: Longman, 1978.
- R. OLIVEN & O.LEAL "Class interpretations of soap opera narrative" in Theory, Culture and Society, vol.5, nº 1, 1988.
- C. ROJEK Capitalism and Leisure Theory. London: Tavistock Publications, 1985.
- C. ROJEK Leisure for Leisure. Basingstoke: Macmillan Press, 1989.
- T. SALEM "Família em Camadas Médias" in Boletim, nº 54. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1985.
- M. TALBOT Women and Leisure. London: Sports Council and Social Sciences Research Council, 1979.
- V. TURNER From Ritual to Theater: the human seriousness of play. New York: Performing Arts Journal Publications, 1982.
- S. WALLMAN et al. Living in South London. Alderhot: Gower Publishing Company/London School of Economics, 1982.
- S. WALLMAN "The boundaries of household" in A. Cohen (ed) Symbolising Boundaries. Manchester: Manchester University Press, 1986.
- R. WILLIAMS Culture and Society. Harmondsworth: Penguin Books, 1962.
- E. WIMBUSH & M.TALBOT (ed) Relative Freedoms: Women and Leisure. Milton Keynes: Open University, 1988.

## APÊNDICE

### TESTES DE SIGNIFICÂNCIA

TABELA I - Tempo Livre Durante a Semana<sup>26</sup>

TABELA I(a): os mais jovens (18 a 35 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Descanço	22	14	0.9224	22	13	2.9866 *	6	6	-0.9380
2. Convívio	11	4	1.5487	3	2	0.8665	0	2	-1.8355 *
3. Esporte	7	0	2.4780 *	0	0	ERR	0	0	ERR
4. Leitura	0	16	-4.5730 *	3	8	-0.9807	4	5	-1.1595
5. Televisão	36	36	-0.9515	25	46	-1.4587	40	17	2.0453 *
6. Vídeo	0	3	-1.9038 *	0	7	-2.2737 *	1	1	-0.3605
7. Rádio	10	4	1.3424	5	6	0.2942	5	3	0.0170
8. Música	7	3	1.0273	1	2	-0.2818	0	0	ERR
9. Bar/rest.	2	0	1.3053	0	0	ERR	0	0	ERR
TOTAL	95	80		59	84		56	34	

TABELA I(b) - os mais velhos (36 a 50 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Descanço	19	15	1.7455 *	6	12	-3.3521	8	3	3.5791 *
2. Convívio	0	1	-0.8888	0	0	ERR	0	2	-0.8899
3. Esporte	5	0	2.5960 *	0	0	ERR	0	0	ERR
4. Leitura	0	7	-2.4277 *	0	13	-3.0569 *	0	13	-2.4507 *
5. Televisão	14	24	-1.1169	16	14	2.5178 *	13	34	-0.0453
6. Vídeo	0	1	-0.8888	0	3	-1.3508	0	3	-1.0971
7. Rádio	3	4	-0.0565	3	1	1.6348	1	0	1.6199
8. Música	2	0	1.6160	0	0	ERR	0	2	-0.8899
9. Bar/rest.	0	3	-1.5555	0	0	ERR	0	0	ERR
TOTAL	43	55		25	43		22	57	

<sup>26</sup> Em todos os casos foram considerados os valores de Z significante a  $\alpha = 0,05$ .

TABELA II - Tempo Livre em Fins de Semana

TABELA II(A): Os mais jovens (18 a 35 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Descanço	10	4	1.5027	7	2	2.3553 *	1	0	0.7569
2. Convívio	26	12	2.2509 *	11	9	1.3989	12	15	-2.5560 *
3. Esporte	15	2	3.1248 *	1	4	-0.9831	0	0	ERR
4. Leitura	0	3	-1.8220 *	0	3	-1.4682	1	2	-1.1209
5. Televisão	24	16	1.1233	13	7	2.4068 *	33	6	3.7064 *
6. Vídeo	1	4	-1.4576	0	1	-0.8396	0	2	-1.9028 *
7. Bar/rest.	7	13	-1.6220	4	4	0.5306	3	3	-0.7334
8. Praça/parque	10	6	0.8683	1	9	-2.1006 *	2	2	-0.5912
9. Viagem	1	16	-4.0022 *	2	3	-0.0522	0	0	ERR
10. Cinema	4	14	-2.6709 *	5	21	-2.6073 *	1	0	0.7569
TOTAL	98	90		44	63		53	30	

TABELA II(b) - Os mais velhos (36 a 50 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Descanço	6	1	2.3928 *	2	0	2.2010 *	0	1	-0.4657
2. Convívio	4	17	-2.4500 *	2	11	-1.2696	3	20	-0.6781
3. Esporte	13	3	3.4105 *	0	0	ERR	0	0	ERR
4. Leitura	0	2	-1.2299	0	3	-1.1560	0	3	-0.8163
5. Televisão	12	16	0.0356	16	11	4.3219 *	12	14	4.5766 *
6. Vídeo	0	0	ERR	0	1	-0.6573	0	1	-0.4657
7. Bar/rest.	1	6	-1.5690	0	4	-1.3454	0	8	-1.3756
8. Praça/parque	3	5	-0.3025	0	5	-1.5163	0	8	-1.3756
9. Viagem	4	8	-0.6897	0	7	-1.8238 *	0	9	-1.4687
10. Cinema	0	0	ERR	0	5	-1.5163	0	6	-1.1762
TOTAL	43	58		20	47		15	70	

TABELA III - Tempo Livre Durante a Semana

TABELA III(a): Os mais pobres

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Descanço	22	19	-2.5036*	22	6	1.1812	6	8	-2.6563*
2. Convívio	11	0	2.3260*	3	0	1.1482	0	0	ERR
3. Esporte	7	5	-0.8225	0	0	ERR	0	0	ERR
4. Leitura	0	0	ERR	3	0	1.1482	4	0	1.2870
5. Televisão	36	14	0.6041	25	16	-1.8130*	40	13	1.0507
6. Vídeo	0	0	ERR	0	0	ERR	1	0	0.6308
7. Rádio	10	3	0.6611	5	3	-0.5033	5	1	0.6537
8. Música	7	2	0.5988	1	0	0.6549	0	0	ERR
9. Bar/Rest.	2	0	0.9584	0	0	ERR	0	0	ERR
TOTAL	95	43		59	25		56	22	

TABELA III(b): Os mais ricos

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Descanço	14	15	-1.3585	13	12	-1.6673*	6	3	1.9144*
2. Convívio	4	1	0.9619	2	0	1.0199	2	2	0.5343
3. Esporte	0	0	ERR	0	0	ERR	0	0	ERR
4. Leitura	16	7	1.1044	8	13	-2.9728*	5	13	-0.0385
5. Televisão	36	24	0.1567	46	14	2.3719*	17	34	-0.8972
6. Vídeo	3	1	0.6504	7	4	0.2686	1	3	-0.5227
7. Rádio	4	4	-0.5495	6	1	1.1257	3	0	2.2805*
8. Música	3	0	1.4524	2	0	1.0199	0	2	-1.1044
9. Bar/Rest.	0	3	-2.1125*	0	0	ERR	0	0	ERR
TOTAL	80	55		84	43		34	57	

TABELA IV - Tempo Livre em Fins de Semana

TABELA IV(a): Os mais pobres

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Descanço	10	6	-0.6463	7	2	0.6303	1	0	0.5360
2. Convívio	26	4	2.3013*	11	2	1.3825	12	13	0.2178
3. Esporte	15	13	-2.0455*	1	0	0.6795	0	0	ERR
4. Leitura	0	0	ERR	0	0	ERR	1	0	0.5360
5. Televisão	24	12	-0.4284	13	16	-3.7584*	33	12	-1.2818
6. Vídeo	1	0	0.6648	0	0	ERR	0	0	ERR
7. Bar/Rest.	7	1	1.1384	4	0	1.3926	3	0	0.9425
8. Praça/Parque	10	3	0.6099	1	0	0.6795	2	0	0.7637
9. Viagem	1	4	-2.4481*	2	0	0.9687	0	0	ERR
10. Cinema	4	0	1.3440	5	0	1.5701	1	0	0.5360
TOTAL	98	43		44	20		53	15	

TABELA IV(b): Os mais ricos

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Descanço	4	1	0.8942	2	0	1.2328	0	1	-0.6580
2. Convívio	12	17	-2.3905*	9	11	-1.2266	15	20	2.0588*
3. Esporte	2	3	-0.9698	4	0	1.7598*	0	0	ERR
4. Leitura	3	2	-0.0378	3	3	-0.3704	2	3	0.5006
5. Televisão	16	16	-1.4150	7	11	-1.7240*	6	14	0.0000
6. Vídeo	4	0	1.6277	1	1	-0.2098	2	1	1.4071
7. Bar/Rest.	13	6	0.7278	4	4	-0.4318	3	8	-0.2092
8. Praça/Parque	6	5	-0.4424	9	5	0.5678	2	8	-0.7274
9. Viagem	16	8	0.6420	3	7	-1.8285*	0	9	-2.0588*
10. Cinema	14	0	3.1567*	21	5	2.7715*	10	0	-1.6540*
TOTAL	90	58		63	47		30	70	

TABELA V - Participação em atividades de Lazer

Tabela V (a) - Os mais jovens (18 a 35 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Televisão	62	54	-1.4590	37	54	-1.8787 *	44	22	-0.7045
2. Rádio	66	44	2.2544 *	33	44	-0.2168	32	19	-1.3752
3. Música gravada	70	58	-1.5619	38	54	-1.5501	34	20	-1.4924
4. Jornal	18	52	-7.4079 *	15	24	-0.8048	3	11	-4.0971 *
5. Revista	9	43	-7.1821 *	16	27	-1.0950	11	13	-2.7776 *
6. Livro	15	32	-4.1040 *	12	37	-3.7646 *	9	12	-2.8626 *
7. Vídeo	11	37	-5.7491 *	9	30	-3.2946 *	0	14	-6.0167 *
8. Cinema	41	46	-2.7861 *	18	42	-3.3449 *	11	7	-0.6395
9. Teatro/dança	16	51	-7.5078 *	18	45	-3.9468 *	2	1	-0.0188
10. Casa noturna (dançar/show)	30	52	-5.7035 *	19	52	-5.3298 *	1	8	-3.8486 *
11. Música ao vivo	26	16	0.9782	14	28	-1.7405 *	16	7	0.3026
12. Feira/exposição	24	55	-7.1985 *	22	51	-4.4726 *	5	5	-1.2531
13. Zoo/prça/parque	10	6	0.5823	5	10	-0.8568	3	4	-1.4471
14. Bar/Restaurante	1	3	-1.2565	1	4	-1.0849	0	0	ERR
15. Atividades bairro	2	8	-2.3665 *	1	1	0.1892	0	0	ERR
16. Parentes/amigos	47	36	0.2731	19	31	-1.1019	26	14	-0.4591
TOTAL	73	58		43	56		45	22	

TABELA V (b) - Os mais velhos (36 a 50 anos)

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z	Pobre	Rico	Est. Z
1. Televisão	27	35	-2.8319 *	21	30	ERR	15	39	-1.9698 *
2. Rádio	26	26	0.2106	20	19	2.6436 *	15	36	-0.7210
3. Música gravada	28	34	-2.0343 *	21	28	1.2071	10	38	-3.6791 *
4. Jornal	11	25	-3.2486 *	3	22	-4.1515 *	1	21	-3.4088 *
5. Revista	2	25	-5.5775 *	2	22	-4.4932 *	2	31	-4.7233 *
6. Livro	1	17	-4.3155 *	1	18	-4.0155 *	2	18	-2.5121 *
7. Vídeo	1	23	-5.4734 *	2	18	-3.6337 *	0	19	-3.5659 *
8. Cinema	10	16	-1.3971	6	16	-1.7572 *	0	15	-3.0174 *
9. Teatro/dança	9	14	-1.1919	2	23	-4.7206 *	0	25	-4.4467 *
10. Casa noturna (dançar/show)	9	25	-3.7345 *	1	20	-4.4209 *	0	13	-2.7459 *
11. Música ao vivo	3	8	-1.5921	4	17	-2.6865 *	2	14	-1.8832 *
12. Feira/exposição	34	32	1.7455 *	2	31	-6.8994 *	0	29	-5.1088 *
13. Zoo/prça/parque	1	6	-1.9534 *	5	5	0.6323	0	3	-1.1932
14. Bar/restaurante	0	2	-1.4145	0	0	ERR	0	0	ERR
15. Atividades bairro	2	0	1.4561	0	4	-1.7431 *	0	3	-1.1932
16. Parentes/amigos	11	16	-1.1370	6	17	-1.9845 *	8	30	-2.2650 *
TOTAL	34	35		21	30		18	40	

TABELA VI - Participação em Atividades de Lazer

TABELA VI(a): Os mais pobres

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Televisão	62	27	0.7107	37	21	-1.7982*	44	15	2.1240*
2. Rádio	66	26	1.9339*	33	20	-1.8413*	32	15	-1.0068
3. Música Gravada	70	28	2.3491*	38	21	-1.6275	34	10	1.5626
4. Jornal	18	11	-0.8338	15	3	1.7209*	3	1	0.1634
5. Revista	9	2	1.0223	16	2	2.3130*	11	2	1.1814
6. Livro	15	1	2.3779*	12	1	2.1609*	9	2	0.8396
7. Vídeo	11	1	1.8510*	9	2	1.1357	0	0	ERR
8. Cinema	41	10	2.5798*	18	6	1.0311	11	0	2.3088*
9. Teatro/Dança	16	9	-0.5182	18	2	2.6205*	2	0	0.9090
10. Casa Noturna	30	9	1.4636	19	1	3.1949*	1	0	0.6375
11. Música ao vivo	26	3	2.9031*	14	4	1.1287	16	2	1.9402*
12. Feira/Exposição	24	34	-6.4886*	22	2	3.2307*	5	0	1.4739
13. Zoo/Praça/Parque	10	1	1.7060*	5	5	-1.2602	3	0	1.1225
14. Bar/Restaurante	1	0	0.6857	1	0	0.7044	0	0	ERR
15. Atividades Bairro	2	2	-0.7979	1	0	0.7044	0	0	ERR
16. Parentes Amigos	47	11	3.0963*	19	6	1.2022	26	8	0.9592
TOTAL	73	34		43	21		45	18	

TABELA VI(b): Os mais ricos

ATIVIDADE	PEAM			PEAF			DCASA		
	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z	Jovens	Velhos	Est.Z
1. Televisão	54	35	-1.5882	54	30	-1.0473	22	39	0.7477
2. Rádio	44	26	0.1707	44	19	1.5216	19	36	-0.4329
3. Música Gravada	58	34	1.2943	54	28	0.6469	20	38	-0.6274
4. Jornal	52	25	2.2563*	24	22	-2.7006*	11	21	-0.1885
5. Revista	43	25	0.2855	27	22	-2.2424*	13	31	-1.5279
6. Livro	32	17	0.6177	37	18	0.5589	12	18	0.7196
7. Vídeo	37	23	-0.1876	30	18	-0.5721	14	19	1.2184
8. Cinema	46	16	3.3297*	42	16	2.0436*	7	15	-0.4474
9. Teatro/Dança	51	14	4.8817*	45	23	0.4010	1	25	-4.4247*
10. Casa Noturna	52	25	2.2563*	52	20	3.1356*	8	13	0.3076
11. Música ao vivo	16	8	0.5049	28	17	-0.5899	7	14	-0.2533
12. Feira/Exposição	55	32	0.6464	51	31	-2.5735*	5	29	-3.7698*
13. Zoo/Praça/Parque	6	6	-0.9474	10	5	0.1387	4	3	1.2716
14. Bar/Restaurante	3	2	-0.1122	4	0	1.4991	0	0	ERR
15. Atividades Bairro	8	0	2.2982*	1	4	-2.1811*	0	3	-1.3168
16. Parentes/amigos	36	16	1.5390	31	17	-0.1165	16	14	-0.9432
TOTAL	58	35		56	30		22	40	